

Economistas: estabilização ainda é viável

LÉA CRISTINA

Não será motivo de desespero se, neste último trimestre de 1990, a inflação registrar taxas surpreendentes, como aconteceu nos fins de ano seguintes aos Planos Cruzado, Bresser e Verão. Segundo economistas, os fatores que costumam pressionar a inflação no último trimestre de cada ano e a crise no Golfo Pérsico não deverão alterar as expectativas quanto a uma estabilização da economia: isto porque, acentuam, desta vez as causas da inflação foram atacadas. Se forem mantidas, as políticas fiscal e monetária tendem a equilibrar a economia brasileira.

Ou seja, a inflação pode subir, sim, em função do pagamento do décimo-terceiro salário, das compras de Natal, da entrada da coleção de verão nas lojas, da entressafra agrícola de 1990 e do financiamento da safra de 1991. Além do fator Golfo Pérsico. Mas este processo terá efeito passageiro, porque, diante do controle monetário, a economia tende a se manter organizada.

— Esta crise no Oriente adia a possibilidade de estabilização, mas não a elimina — afirma o economista Edmar Bacha, ex-Presidente do IBGE, que critica o Governo pelo estabelecimento de metas de inflação em torno de 3% ao mês ainda para este ano. Ele acredita, porém, que a política de aperto monetário deve acabar surtindo efeito. Ainda sobre o petróleo, ele recomenda que o aumento do barril seja repassado aos preços dos combustíveis:

— Este tipo de subsídio não pode ser mantido. Um país que esteve à beira da hiperinflação não pode brincar em serviço — diz Bacha, ressaltando que através do controle monetário, o Governo deve impedir que o aumento dos combustíveis se transmita para o resto da economia.

Ressaltando não ver semelhança alguma entre o Plano Collor — que chama de “anticruzado” — e os outros programas, o ex-Ministro da Fazenda Francisco Dornelles afirma que a estabilização viria já, não fosse o conflito no Golfo. Acha, porém, que esta fase será superada e se diz preocupado com o nível de recessão:

— A questão é que o Governo terá que exercer uma política monetária mais forte do que se esperava.

Para o economista Francisco de Assis Moura de Mello, do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), a tendência é de a inflação ir caindo aos poucos, ao longo da administração Collor. Ele se mostra otimista em relação à política econômica e diz que neste fim de ano — apesar de toda a questão sazonal e do conflito no Oriente — as taxas podem se manter estáveis ou até cair.

— Os índices podem até subir, como aconteceu nesta época do ano durante a execução dos outros planos econômicos. Mas a natureza do processo só é igual na parte residual. No que é substancial, são realidades completamente diferentes: nos outros planos, o tratamento era superficial; neste, o caixa do Governo foi controlado — diz Francisco de Assis, acrescentando que há um pouco de coincidência no fato de que, nos Planos Cruzado e Bresser, as taxas de inflação terem disparado no último trimestre do ano:

— Se o Cruzado tivesse sido editado em junho, o controle maior poderia ter ultrapassado o fim de ano. No Bresser, os agentes econômicos já tinham aprendido que a inflação ia voltar, e assim, ela voltou, e mais rapidamente.

Dança dos índices confunde analistas

Quem lembra qual foi a taxa de inflação registrada em fevereiro de 1986, a que serviu de estopim para a decretação do Plano Cruzado? Se o leitor pensou em algo perto de 14,36%, pode-se considerar excepcionalmente bem informado. Mas se passou longe, não tem por que ficar frustrado: afinal, taxas de inflação que há pouco tempo beiravam os 90% fazem com que hoje muito pouca gente consiga acertar qual era o nível de inflação na véspera do choque heterodoxo do Governo Sarney.

O Vice-Presidente da Associação dos Supermercados do Estado do Rio (Asserj), Aylton Fornari, arriscou: “Não chegou a 30%!”. O economista e atual Presidente do IBGE, Eduardo Augusto Guimarães, errou por menos: “Algo em torno de 20%!”. O ex-Ministro da Fazenda Francisco Dornelles, e o ex-Diretor de Pesquisas do IBGE, Francisco de Assis Moura de Mello, chegaram pertinho: “Dezesseis por cento?”.

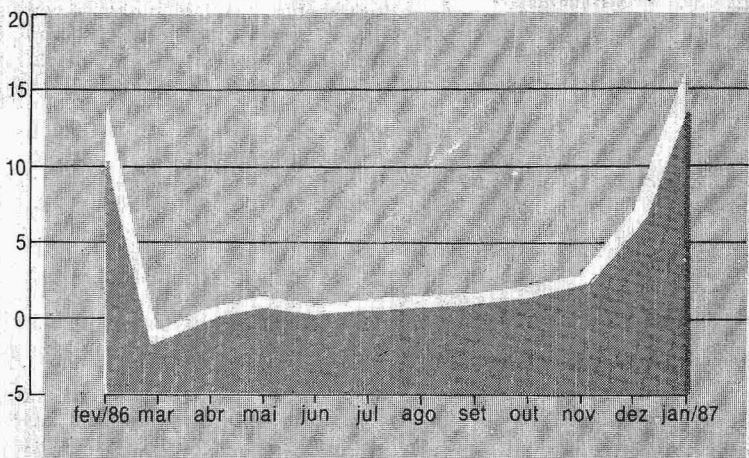
Ou seja, de quatro pessoas — que naquela época estavam atentas à evolução do custo de vida — apenas duas conseguiram se remeter ao nível de inflação de então:

— Está vendo? Tudo isto porque até pouco tempo era normal inflação de 40% ou 50%. Estou no outro mundo. É preciso tirar da cabeça das pessoas o vício da inflação — afirma, o Vice-Presidente da Asserj.

Mas a memória inflacionária não é a única causa de, hoje, uma taxa de 14% de inflação parecer baixa. Afinal, os 14% não estão muito longe dos 12% registrados meses atrás.

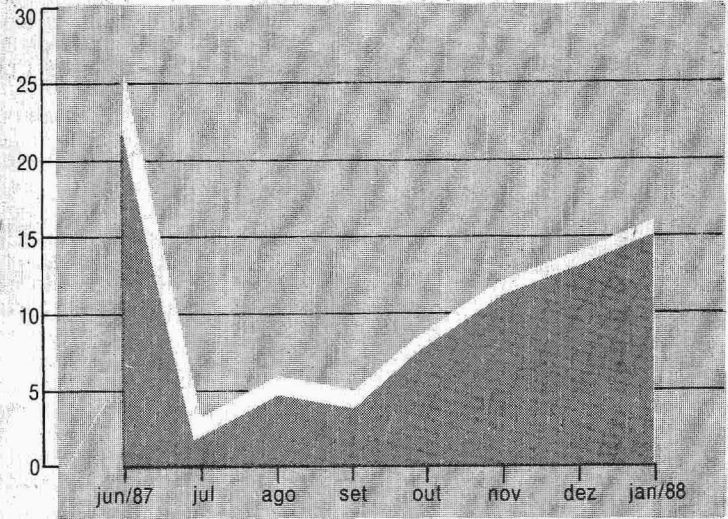
Plano Cruzado

A primeira experiência heterodoxa do País reduziu drasticamente a inflação, que passou de 14,36% em fevereiro para -0,11% no mês seguinte, mantendo-se em níveis relativamente baixos até dezembro daquele ano



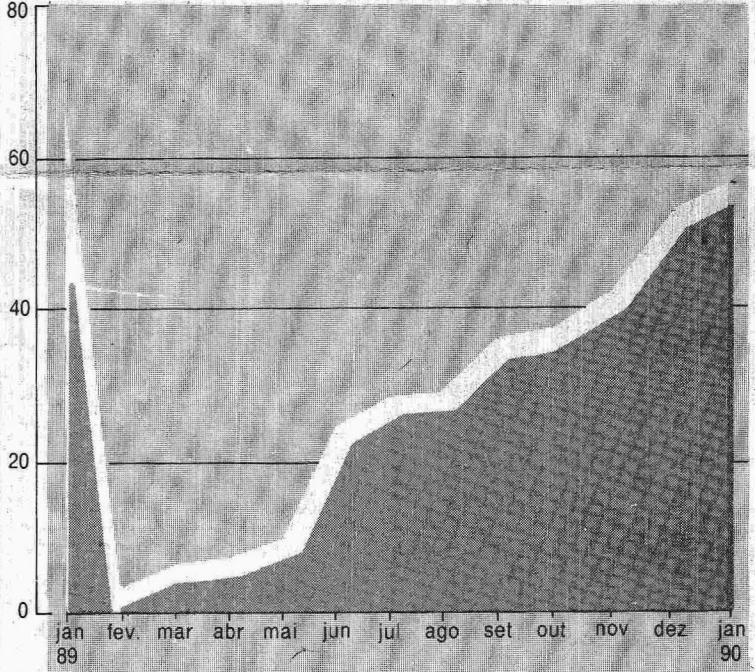
Plano Bresser

No Plano Bresser, o congelamento durou três meses. Desta vez, a inflação subiu a índices mais elevados do que na experiência anterior, sendo que a partir de novembro as taxas já passavam aos dois dígitos



Plano Verão

Na gestão do ex-Ministro Mailson da Nóbrega, foi feito um terceiro congelamento de preços. Os resultados foram, novamente, a queda abrupta da inflação nos primeiros meses do plano, seguida de uma nova escalada



Plano Collor

Um curto congelamento foi seguido por uma ampla liberação de preços. Embora a inflação tenha voltado aos dois dígitos mais rapidamente do que nos outros planos, os índices vem se mantendo estáveis

